

## DISCURSO SOBRE A CRÍTICA<sup>1</sup>

BORIS EIKHENBAUM

**N**ão foi por acaso que Lev Tolstói desmascarou a arte e os artistas. Se a arte deve ser genuinamente criadora, então é preciso desmascará-la, pois tudo o que é dito e pensado sobre ela não passa de mentiras. O artista deve ser um tanto (ou, talvez, bastante) selvagem. A arte que convive pacificamente com a civilização em progresso é uma arte “para a beleza”, um ofício. O verdadeiro artista, aquele que está irremediavelmente condenado a respirar e viver em tal arte deve amaldiçoá-la, deve fugir dela

Na margem das ondas vazias,  
Nos rumorosos bosques.<sup>2</sup>

Os futuristas têm bons aforismos. Um deles merece ser citado: “Com frequência, apenas a barbárie pode salvar a arte”.<sup>3</sup> Vivemos nessa época. Todas as esperanças estão num turbilhão fresco de barbárie que nos traz das distantes estepes sementes novas.

Nada disso é novo, mas o digo para conversar sobre a crítica. Tampouco este é um tema novo, mas é, me parece curiosamente palpitante. Creio (também curiosamente) que entre nós haverá em breve uma nova crítica e uma nova história da literatura. Gostaria de fazer o discurso de boas-vindas. E, como em qualquer discurso de boas-vindas, ele deve ser mais solene do que claro. Essa tradição torna minha tarefa mais leve.

O fato é que todos nós nos tornamos um tanto (talvez muito) bárbaros. E isso não é de todo mau, como muitos pensam. Na verdade, não sofremos exatamente um processo civilizatório, mas ansiamos por ele e o cobizamos. Agora nem isso. De repente surgiram muitas preocupações e tarefas, das mais comuns e cotidianas; não havia mais tempo para sonhar. Nisso consiste a “tragédia da intelligentsia russa”, mas de fato concordamos que justamente

**EDITORES:**

Regina Zilberman  
Gerson Roberto Neumann

**COMO CITAR:**

EIKHENBAUM, Boris.  
Discurso sobre a crítica. *Rev. Bra. Lit. Comp.*, Porto Alegre, v. 23, n. 42, p. 110-112, jan./abr., 2021.

1 Tradução de Priscila Nascimento Marques, a partir da edição: Eikhenbaum, Boris. *Retch o kritike*. In: *O literature*. Raboty raznykh let. Mosocu: Soviétskii Pissátel, 1987. O texto foi originalmente publicado na revista *Dielo Naróda*, n. 40, de 12 de maio de 1918. Todas as notas são da tradutora.

2 Citação de “Poeta”, de Aleksandr Púchkin (1799-1837).

3 Citação de “Inícios poéticos”, texto de Nikolai Burluik publicado no almanaque *Sadok Sudiei*, II, 1914.

uma *tragédia* e precisamente *esta* tragédia era-nos necessária. Não se trata de uma “direção”, ou “corrente”, mas de crise, colapso (não deslocamento!). A vida nos deu uma pancada na cabeça. Nossas percepções mudaram – tornamo-nos mais observadores, vigilantes, servis. Nós pensamos de outra forma, falamos de outra forma, e *vivemos de outra forma*.

Este último é o mais importante. Éramos surdos e cegos tanto na vida como na arte. Agíamos de maneira simples: líamos um romance para, por trás da forma, procurar o conteúdo. Se o resultado não aparecesse facilmente, inventávamos, mentíamos. Tudo em prol da ideia! Em 1876, L. Tolstói escreveu a N. Strákhov em resposta à interpretação deste sobre Anna Karênina: “[...] Seu julgamento sobre meu romance é correto, mas não é tudo; ou seja, está tudo correto, mas aquilo que o senhor afirma não expressa tudo o que eu quis dizer. [...] Mas quando o senhor diz, eu sei que se trata de uma das verdades que se pode contar. Se eu quisesse dizer com palavras tudo o que pretendi expressar com o romance, então precisaria escrever de novo exatamente o romance que escrevi. [...] Em quase tudo o que eu escrevi, fui guiado pela necessidade de organizar pensamentos que se entrelaçam entre si para se expressarem, mas cada pensamento expresso em palavras de maneira isolada perde seu sentido, decai terrivelmente quando é retirado dessa corrente em que se encontra. A própria corrente é composta não apenas de pensamento (eu acho), mas de alguma outra coisa, e é impossível explicar o princípio desse entrelaçamento diretamente com palavras; só se pode fazê-lo indiretamente, com palavras que descrevem imagens, ações, situações [...] Para a crítica de arte são necessárias pessoas que demonstrem o absurdo de se buscar um pensamento em uma obra de arte, que constantemente guiassem o leitor nesse labirinto infinito de entrelaçamentos, que é em que consiste a essência da arte, pelas leis que servem de base a esses entrelaçamentos”<sup>4</sup>

Senhores críticos e historiadores da literatura, será que sentem que aqui há todo um programa para os senhores? A arte é “um labirinto infinito de entrelaçamentos”. O crítico deve dizer ao leitor que não é impossível “entender” a obra de arte. Ele deve convencer o leitor que ele *não entende*, que se surpreende e fica confuso, só assim compreenderemos que ele diz a verdade e daremos ouvido a ele. Píssariev<sup>5</sup> indignava-se com Púchkin, pois ele não era capaz de “entendê-lo”; o fato é que isso foi mais produtivo do que todo entendimento dos estudiosos de Púchkin.

Senhores críticos e historiadores da literatura! Vamos reconhecer agora, neste momento em que não é vergonha reconhecer o que quer que seja, reconhecer de forma simples e honesta que *não entendemos* a literatura, assim como o físico e o químico não entende nada sobre a natureza, ainda que conheça perfeitamente suas “leis”. O principal é não mentir e não enganar, pois já houve muita mentira. Dizer apenas uma das verdades possíveis é pior do que não dizer nenhuma.

Deixemos todo o “entender” para o respeitável leitor, esse é o seu dever. Pois ele lê romances para se desenvolver, se educar, se civilizar. Já nós somos um pouco bárbaros, e essa é nossa nobre vocação. Vamos repetir ao leitor que ele não entende, não pode entender e não precisa entender nada. Essa é nossa missão, se formos dizer a verdade. Píssariev se confundiu, mas havia nele um senso genuíno de verdade, que faltou a muitos dos que vieram depois. Devemos captar na arte aquilo que faz dela labirinto,

4 Citação de carta de L. N. Tolstói (1828-1910) a N. N. Strákhov (1828-1896), de abril de 1876.

5 Dmítri Píssariev (1840-1868), crítico radical. Em seu ensaio “Bielínki e Púchkin”, de 1865, Píssariev afirma que o “assim chamado grande poeta [...] é um versificador frívolo, enredado em preconceitos mesquinhos, afundado na contemplação de sensações pessoais insignificantes e totalmente incapaz de analisar e compreender as grandes questões sociais e filosóficas de nosso tempo”.

para que o respeitável leitor não pense que ela se parece com um corredor próprio para passeio nos intervalos. Devemos dizer: veja, senhor leitor, como o poeta o engana, que procedimentos ele utiliza para lhe derrubar já no primeiro atalho, para enganá-lo, para dificultar. O senhor diz que é um paradoxo? Oh, não, é uma verdade antiga! Se quiser leia Karamzin, que os senhores decoraram solidamente ainda no colégio: “O que resta ao autor? Inventar, compor expressões, atinar a melhor escolha de palavras; dar ao velho algum sentido novo, propor-lhe um novo vínculo, mas mui habilmente enganar o leitor e ocultar-lhe o caráter extraordinário da expressão”.<sup>6</sup>

Senhores, eis a conclusão do meu discurso solene e, como se pode supor, insuficientemente inteligível: distinguimo-nos dos artistas por não sermos capazes de escrever romances, e dos leitores por não sermos capazes e não consideramos possível entender aquilo que ele “entende”. Não somos necessários aos artistas, mas à arte que pretende ser uma criação genuína. Deixe que o artista desmascare a arte, quanto a nós, devemos desmascarar o leitor.

---

<sup>6</sup> Citação de “Por que a Rússia tem poucos autores talentosos?”, publicado no periódico *Vestnik Evropy*, n. 14, 1802, artigo do historiador Nikolai Karamzin (1766-1826).